

TRADUÇÃO

GEORGE BERKELEY: UMA VISITA A GLÂNDULA PINEAL¹

Jaimir Conte^{*}

O vitae philosophia dux, virtutis indagatrix! – Cícero
Oh, filosofia, guia da vida, indagadora da virtude!

Ao cavalheiro Nestor Ironside,
‘Ilustríssimo senhor

‘Sou alguém que gastou a maior parte desse tempo, que os jovens cavalheiros geralmente passam na universidade, vagando sem rumo por países estrangeiros. Vivendo dessa maneira, apesar de ter adquirido um grande discernimento sobre os costumes e as conversações dos homens, não pude, no entanto, fazer progressos semelhantes no campo da ciência e da especulação. Em meu regresso, de passagem pela França, ocorreu-me um dia conversar sobre isso com um cavalheiro daquela nação, com quem eu estabeleci uma amizade. Depois de alguma hesitação, ele me conduziu ao seu gabinete e, abrindo um pequeno armário cor de âmbar, tirou uma pequena caixa de rapé, que, segundo ele, lhe tinha sido dada por um tio, o autor da *Viagem ao mundo de Descartes*.² E, expressando muita gratidão e afeto, presenteou-me com ela, dizendo-me, ao mesmo tempo, que não conhecia

¹ Os dois ensaios aqui traduzidos: “Uma visita a uma glândula pineal”, publicado originalmente em 21 de abril de 1713 no número 35 do *Guardian* e a “A glândula pineal (continuação)”, publicado no dia 25 de abril, no número 39, formam uma unidade não apenas pela referência a ideia de glândula pineal concebida por Descartes como ponto de interação entre a alma e o corpo, mas também pela forma literária e pelo pseudônimo comum. Eles fazem parte de um conjunto de quatorze ensaios atribuídos a George Berkeley, reunidos e publicados pela primeira vez apenas em 1871, no volume III da edição organizada por A. C. Fraser. Os ensaios publicados no *Guardian* foram escritos durante a permanência de Berkeley em Londres em 1713, quando Jonathan Swift (1667-1745) e Richard Steele (1672-1729), seus conterrâneos, contribuiriam para lhe abrir caminho no ambiente literário inglês. O principal objetivo de Berkeley ao publicar os ensaios foi o de defender o teísmo cristão contra os “livre-pensadores” da época, assumidos como materialistas e ateus. A tradução aqui apresentada foi realizada com base na edição organizada por Luce e Jessop. *The Works of George Berkeley Bishop of Cloyne*. Luce, A. A. and Jessop, T. E. London and Edimburgh: Nelson, 1948, v. 7, 185-192.

² Professor do departamento de Filosofia da UFSC. E-mail: conte@cfh.ufsc.br
² Referência à obra do jesuíta, historiador e teólogo Gabriel Daniel (1649-1728), publicada em francês em 1690 e traduzida para o inglês em 1692.

nenhum meio mais fácil para suprir e guarnecer uma mente com conhecimento nas artes e nas ciência do que aquele pó, se utilizado de maneira correta.

‘Você precisa saber, disse ele, que Descartes foi o primeiro a descobrir que uma determinada parte do cérebro, chamada pelos anatomistas de glândula pineal, é o receptáculo imediato da alma, o lugar onde ela é afetada por todos os tipos de percepções, e onde exerce todas as suas operações pelo intercurso dos espíritos animais que passam pelos nervos que dali se estendem a todas as partes do corpo. Acrescentou que esse filósofo, tendo considerado o corpo como uma máquina ou um relógio, capaz de realizar todas as funções vitais sem a cooperação da vontade, começou a pensar que podemos encontrar uma maneira de separar por algum tempo a alma do corpo, sem causar qualquer dano a ela. Depois de meditar muito sobre o assunto, o referido virtuose compôs este pó que então me deu, o qual, se usado numa certa quantidade, não deixará de separar minha alma de meu corpo. Sua alma (continuou ele) sendo livre para transportar-se com um pensamento para onde ela quiser, poderá entrar na glândula pineal do filósofo mais instruído e, estando assim localizada, tornar-se espectadora de todas as idéias em sua mente, o que a instruirá num tempo muito menor que o dos métodos usuais. Agradei e eu aceitei o seu presente, e com ele uma folha de instruções.

‘Você pode imaginar que foi muito proveitoso e divertido passar meu tempo na glândula pineal dos filósofos, dos poetas, dos namorados, dos matemáticos, das damas e dos políticos. Uma vez vi um teorema matemático definir-se progressivamente através de um longo labirinto de sutilezas e de giros intrincados do pensamento; outra vez, estive consciente das idéias sublimes e das visões abrangentes de um filósofo, sem qualquer fadiga ou desperdício de energia. Às vezes eu vagava pelos bosques perfumados e prados deslumbrantes, na imaginação de um poeta; outras vezes assistia quando uma batalha ou uma tempestade, ou um palácio rosa reluzente, irrompia em sua imaginação, ou contemplava os prazeres de uma vida no campo, a paixão de um amor generoso, ou o fervor da devoção entusiástica culminando no êxtase. Ou (para usar as palavras de um autor muito engenhoso), ocorreu-me

Behold the raptures which a writer knows,
When in his breast a vein of fancy glows,
Behold his business while he works the mine,
Behold his temper when he sees it shine.³

³ Versos de *Essay on the different stiles of poetry* (1713), de Thomas Parnell (1679-1718).

Experimentar os êxtases que um escritor conhecia,
Quando em seu peito brilhava a veia da fantasia,
Perceber seu esforço quando sua obra estava a forjar,
E seu estado de espírito quando ele a via a brilhar.

‘Isso me proporcionou um prazer indescritível. Não era um espetáculo desagradável às vezes descer dessas sublimes e magníficas idéias para as impertinências de um namorado, para os áridos raciocínios dos políticos num café, ou para as delicadas imagens na mente de uma moça. E como, a fim de formar uma idéia adequada da felicidade humana, achei oportuno experimentar os diferentes modos como os homens de diferentes ocupações eram afetados, um dia entrei na glândula pineal de uma certa pessoa que me parecia muito apropriada para me dar uma idéia de tudo o que constitui a felicidade daquele que é chamado de um *homem de prazer*. Mas fiquei muito desapontado ao constatar quais são os prazeres de um voluptuoso que se livrou dos freios da razão.

‘Observei que as suas faculdades intelectivas eram agora inúteis por falta de exercício, e que os seus sentidos estavam enfraquecidos e esgotados pelo uso excessivo. Essa inércia absoluta das faculdades mais elevadas impedia que o desejo lhe fornecesse satisfações sensuais; e o esgotamento natural do apetite produzia um desgosto em vez de um prazer. Pude observar os desejos ardentes dos jovens sem os prazeres que deles deriva, e a debilidade da velhice, sem a tranquilidade que a acompanha. Quando as paixões eram provocadas e despertadas por algum objeto poderoso, o efeito não era o de deleitar, nem o de acalmar a mente, mas o de torturá-la entre os recorrentes extremos dos desejos e da saciedade. Vi um miserável atormentado ao mesmo tempo pela recordação dolorosa dos erros passados, pelo desgosto dos objetos presentes que solicitavam os seus sentidos, e pelo secreto pavor do futuro. Na alma deste homem miserável eu não podia ver qualquer forma de alívio ou conforto, a não ser a que consistia em impedir sua cura, inflamando suas paixões e suprimindo sua razão. Mas, embora se deva reconhecer que ele tinha quase extinto completamente a luz que o seu Criador havia colocado em sua alma, todavia, apesar de todos os seus esforços, observei em determinadas ocasiões freqüentes lampejos de remorso atravessarem a escuridão, e interromperem a satisfação que ele gozava ao esconder de si mesmo as suas próprias deformidades.

‘Estive também presente na formação original ou produção de certo livro na mente de um livre-pensador⁴, e, acreditando que pode não ser inaceitável lhe transmitir as maneiras

⁴ Referência ao livro *Discourse on free-thinking* (1713), de Anthony Collins (1676-1729).

secretas e princípios íntimos em virtude dos quais aquele 'fenômeno' se produziu, deverei em minha próxima carta oferecer a você um relato sobre isso. Nesse meio tempo, digo-lhe que sou

‘Seu mais humilde e devoto servo,
‘Ulysses Cosmopolita’.

N.B. O Sr. Ironside recebeu recentemente da França 10 gramas desse pó filosófico, e informa que o usará a fim de distinguir os verdadeiros sentimentos de todas as pessoas eminentes nas cortes, na cidade, nos países e nos campos, daqueles que eles professam.

* * *

A glândula pineal (continuação)

Aegri somnia – Horácio
Sonhos de um enfermo.

Neste escrito, dando continuidade a uma carta anterior, comunicarei ao público a história das descobertas úteis feitas pelo meu correspondente, que adquiriu o poder de entrar nos pensamentos dos outros homens, com a ajuda daquela invenção.

“Sr. Ironside,

‘No segundo dia de outubro, no ano de 1712, tendo deixado o meu corpo trancado, seguro, em meu escritório, dirigi-me ao café Grego, onde, entrando na glândula pineal de um eminente livre-pensador, fui diretamente para a parte mais elevada, que é a sede do Entendimento, esperando encontrar um conhecimento abrangente de todas as coisas humanas e divinas. Mas, para minha grande surpresa, achei o lugar mais estreito do que o normal, de tal maneira que não havia qualquer espaço para um milagre, profecia, ou para um *espírito separado*.

‘Isso me obrigou a descer para um andar mais baixo, na Imaginação, que eu achei maior, de fato, mas frio e desconfortável. Ali descobri o Preconceito sob a forma de uma mulher que estava de pé num canto, com seus olhos vendados, e seus dedos indicadores tapando seus ouvidos. De sua boca saíam muitas palavras numa ordem confusa, mas pronunciadas com grande ênfase. Essas palavras condensavam-se com o frio do lugar,

formando uma espécie de névoa, através da qual me parecia ver um grande castelo com uma fortificação erguida ao redor dele, e uma torre contígua que podia ser vista, desde a janela, cheia de instrumentos de tortura e de cordas de enforcamento. Nos subterrâneos do castelo eu podia discernir imensas masmorras, e em toda parte havia ossos humanos espalhados. Parecia estar guarnecida por alguns homens de preto, de tamanho gigantesco, e das mais terríveis formas. Mas, à medida que eu me aproximava, aquelas aparências horríveis desapareceram, e percebi que aquele castelo era apenas uma Igreja, e que eu havia confundido o campanário com seu relógio e as cordas do sino com uma torre cheia de instrumentos de tortura e cordas de enforcamento. Os terríveis gigantes vestidos de preto se reduziram a alguns sacerdotes inocentes. As masmorras se transformaram em algumas criptas projetadas apenas para a morada dos mortos, e as fortificações se revelaram um cemitério, com alguns ossos espalhados aqui e ali, cercado por um simples muro de pedra.

‘Não fazia muito tempo que eu estava ali quando minha curiosidade aumentou com um forte barulho que eu ouvi na região inferior. Desci para aquela parte e encontrei uma turba de paixões reunidas de uma maneira desordenada. Essa conduta tumultuada logo me convenceu de que estavam simulando uma democracia. Depois de muito barulho e discussão agitada, no final todas prestaram atenção à Vaidade, que propôs a mobilização de um grande exército de noções, que ela mesma se ofereceu para conduzir contra esses terríveis fantasmas da imaginação que haviam ocasionado todo esse tumulto.

‘A Vaidade dirigiu-se, e eu atrás dela, para o repositório das idéias.⁵ Lá vi um grande número de noções inertes, confusamente misturadas; mas, no momento da chegada da Vaidade, elas começaram a se mover lentamente. Neste lugar se podia ver, entre outras coisas singulares, divindades adormecidas, espíritos corpóreos e mundos formados aleatoriamente, juntamente com uma variedade infinita de noções pagãs, as mais extravagantes e grotescas que se possa imaginar. E junto com estas havia também algumas de origem cristã, mas tal era a aparência e o aspecto que possuíam, e suas características tão distorcidas, que pareciam pouco melhores do que as pagãs. Além disso, estavam ali reunidas um grande número de figuras fantasmagóricas de roupas estranhas, que revelou-se que eram sacerdotes idólatras de diferentes nações. A Vaidade deu a ordem, e imediatamente os Talapões, os Faquires, os Brâmanes e Bonzos alinharam-se num exército. A ala direita consistia de antigas noções pagãs, e a esquerda das cristãs naturalizadas. Todas juntas, elas formaram um formidável exército, quanto ao número; mas a precipitação da Vaidade era tão grande, e tal era a sua

⁵ Expressão empregada por Locke no *Ensaio sobre o entendimento humano*, 2.10.2.

própria aversão inata à tirania das regras e da disciplina, que elas pareciam mais uma multidão confusa do que um exército regular. No entanto, observei que todas tinham em comum o olhar estrábico, ou lançavam seu olhar para uma pessoa mascarada que se encontrava bem no centro, e que por certos sinais e indícios seguros descobri que se tratava do Ateísmo.

‘Assim que a Vaidade, no comando do seu exército, chegou perto da Imaginação, decidiu atacar o castelo, e sem trégua. Elas começaram o assalto com um violento grito de guerra e uma grande confusão. Eu, de minha parte, fiz o melhor que pude e retornei a meu alojamento. Depois de algum tempo, perguntei numa livraria pelo *Discurso sobre o livre-pensamento*, que tinha causado tanto rumor, e me deparei com os equivalentes de todas essas noções formulados na mesma desordem sobre o papel. Sábio Nestor,

‘sou seu mais obediente e humilde servidor,

‘Ulysses Cosmopolita.’

‘N.B. Recorri ao índice dos autores mencionados naquele livro, mas não consegui encontrar qualquer homem de espírito e ou matemático entre eles.’

Acho que essa história pode servir para prescrever o tratamento adequado para um livre-pensador. Em primeiro lugar, é claro que o seu Entendimento precisa ser aberto e ampliado, e deve-se ensinar a ele a maneira de ordenar e sistematizar as suas idéias; para este efeito pode ser útil o estudo da matemática. Além disso, sou da opinião que, como sua Imaginação é cheia de atrativos decorrentes do preconceito e das obscuras ou falsas luzes sob as quais ele vê as coisas, seria necessário introduzi-lo em boa companhia, e de vez em quando levá-lo à Igreja; por esse meio, depois de algum tempo, poderá adquirir um verdadeiro sentido religioso, e apagar as más impressões que recebeu. Por último, aconselho que se empreenda a reeducação de um livre-pensador moderno, que acima de tudo se tenha o cuidado de subjugar a sua Vaidade; este é, de fato, o principal motivo que leva as mentes de pouca importância a distinguir-se por meio de excentricidades que são prejudiciais à humanidade.

Ou, se a paixão da Vaidade, uma vez que normalmente ela é muito forte em nossos livre-pensadores, não puder ser subjugada, ela deve ser conquistada para o interesse da religião, fazendo-os compreender que os maiores *gênios* dessa época respeitam as coisas sagradas; que as suas rapsódias não encontram admiradores, e que o epíteto de ‘livre-pensador’, como outrora o de ‘tirano’, se degenerou em comparação ao seu significado original, e atualmente se supõe que ele denota alguma coisa contrária à argúcia e à razão. Por fim, levá-los a saber que, apesar de alguns homens de gênio terem sido tentados, outrora, pela

novidade do assunto, a se opor às opiniões aceitas pelos cristãos, atualmente essa tendência se esgotou, e a blasfêmia e a irreligião são distinções que há muito tempo se aplicam só aos rapazes e lacaios.

Mas meu interesse era evitar que todos os impostores dessa espécie prejudicassem os ignorantes e incautos. Com este objetivo, transmiti uma informação que recebi de um cavalheiro aparentemente muito arrependido que não estava bem durante um último acesso de doença, contrariamente à sua própria doutrina, que o obrigou a estar alegre naquela ocasião, a menos que tivesse certeza de se recupera. Com este conselho para o mundo, foi publicada a seguinte advertência no jornal *Post-Boy*:

‘Considerando que no jornal chamado *Guardian*, de sábado, 02 de abril do mês corrente, o Senhor D., – membro da Academia Real das Ciências de Paris, autor de um livro publicado recentemente, intitulado, *Um ensaio filológico, ou reflexões sobre a morte dos livres-pensadores, com os personagens antigos e modernos mais eminentes de ambos os sexos que morreram alegre e indiferentemente*, vendido por J. Baker em Pater noster-Row –, fez uma reflexão adicional sugerindo que se esse cavalheiro, que agora está em Londres, “estivesse muito indisposto, num ataque final da doença, até ele estava numa condição razoável de recuperação” Isso é para assegurar ao público que o referido cavalheiro nunca expressou a menor preocupação com a iminência da morte, mas esperou a hora fatal com a mais heróica e filosófica resignação; do que uma cópia dos versos que escreveu nos intervalos serenos de sua enfermidade é uma prova invencível.”

Tudo o que eu afirmo é que esse cavalheiro estava de mau humor quando estava doente; e o anunciante, para me refutar, disse, que ‘nos intervalos serenos de sua enfermidade’, isto é, quando não estava doente, ele escreveu versos. Não retirarei a minha advertência até ver esses versos. Não vou desdizer a minha advertência até ver aqueles versos, e depois escolherei em que acreditar, a não ser que eles sejam assinados por sua enfermeira, e nem então, a não ser que ela seja uma governanta. Devo reter esse cavalheiro próximo ao argumento; pois se ele não está seguro de si, não há nada corajoso nisso, nem contará para o seu propósito, tampouco seus versos são heróicos.

A questão de estar alegre na hora da morte é uma questão que deve ser resolvida por teólogos; mas o editor do *Ensaio filológico* apresenta suas principais autoridades desde Lucrécio, o conde de Rochester⁶, e o Sr. John Dryden⁷, que eram senhores que não se achavam eles mesmos obrigados a provar tudo o que diziam, ou então provaram suas afirmações dizendo ou jurando que todos eles eram tolos que acreditavam no contrário. Se for

⁶ Referência a John Wilmot (1647-1680), Segundo Conde de Rochester, um libertino inglês e escritor de poesias satíricas e obscenas bastante populares.

⁷ Poeta, crítico literário e dramaturgo inglês, 1631-1700.

absolutamente necessário que um homem deva estar alegre em sua morte, seria muito bom se esses senhores, o Sr. D. e o Sr. B se arrependessem a tempo, e não confiassem no leito de morte ingenuamente; pelo que apareceu até agora, eles só aumentaram nosso desejo de ver suas obras póstumas.

O autor de *Poetæ Rusticantis Litteratum Otium*⁸ não passa de um mero fazedor de frases; o editor filológico é apenas um tradutor; mas eu esperava um melhor uso do Sr. Abel Roper⁹ que é um original.

* * *

⁸ Obra publicada em 1713 por André-Francois Deslandes (1689-1757).

⁹ Abel Roper (1665-1726) jornalista e editor, fundou, em 1695, o jornal conservador *Post Boy*.